

Fabrizio Zandonadi Catenassi
Lília Dias Marianno
(orgs.)

HISTÓRIA DE ISRAEL

ARQUEOLOGIA & BÍBLIA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

História de Israel : arqueologia e Bíblia / organizado por Fabrizio Zandonadi Catenassi, Lília Dias Marianno – São Paulo : Paulinas, 2022.
232 p.

Bibliografia
ISBN 978-65-5808-168-5

1. Israel – História 2. História (teologia) 3. Bíblia I. Catenassi, Fabrizio Zandonadi II. Marianno, Lília Dias

22-2757

CDD 915.694

Índice para catálogo sistemático:

1. Israel – História

1ª edição – 2022

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Conselho Editorial: *Andreia Schweitzer*
Antônio Francisco Lelo
Fabiola Medeiros
João Décio Passos
Marina Mendonça
Matthias Grenzer
Vera Bombonato

Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
Matthias Grenzer

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de Revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Equipe Paulinas*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa: *Silas Klein Cardoso*

Diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

ABIB

Rua Mendes Tavares, 93 – Apartamento 102
Vila Isabel – 20560-050
Rio de Janeiro – RJ (Brasil)

www.abiblica.org.br – abib.br@gmail.com

Sumário

Introdução	7
Lista de siglas.....	11
Israel e Assíria	13
<i>Peter Dubovský</i>	
A ascensão do Reino do Norte de Israel no século IX AEC, vista a partir de três sítios-chave: Samaria, Megiddo e Jezreel	57
<i>Norma Franklin</i>	
O Reino do Norte de Israel no século VIII AEC, até sua queda em 720 AEC, visto a partir de três sítios-chave: Samaria, Megiddo e Jezreel.....	79
<i>Norma Franklin</i>	
A história da chamada “arqueologia bíblica”	99
<i>José Ademar Kaefer</i>	
A formação do povo de Israel: no diálogo entre a leitura crítica da Bíblia e a arqueologia	135
<i>Luiz José Dietrich</i> <i>José Ademar Kaefer</i>	
Novas perspectivas dos exilados na babilônia à luz dos tabletas de Āl-Yāhūdu.....	171
<i>Douglas de Souza Pedrosa</i>	

1 Enoque: desordem cósmica e a impureza
no judaísmo do Segundo Templo..... 189

Kenner Terra

A exaltação de Jesus e o judaísmo do Segundo Templo..... 213

Valtair Afonso Miranda

Introdução

Após alguns anos de enfrentamento de uma realidade pandêmica, a Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica realizou entre os dias 23 a 26 de agosto de 2022 o *IX Congresso Internacional de Pesquisa Bíblica*, que aconteceu nas instalações do Instituto São Paulo de Estudos Superiores. A presente obra resgata as principais conferências e mesas temáticas ao redor do tema “*História de Israel: arqueologia e Bíblia*”.

A matéria escolhida pelos membros da Abib para esse congresso discute duas ciências fundamentais para a investigação atual sobre a Bíblia: a história e a arqueologia. Ao longo das últimas décadas, tem-se tornado cada vez mais evidente que a arqueologia amplia fundamentalmente nossa compreensão do texto bíblico. Isso acontece à medida que ela permite reconstruir traços de momentos específicos de grupos humanos antigos por meio da análise de seus vestígios materiais. Isso amplia significativamente nossos conhecimentos geográficos, antropológicos e linguísticos ligados a Israel e seu entorno, entre tantas outras áreas beneficiadas por essa ciência.

O início da arqueologia aplicada às terras bíblicas refletiu interesses nacionalistas e religiosos, em grande parte ligados à validação ou desaprovação histórica da Bíblia e à legitimação dos estados nacionais. Até o século XIX, a arqueologia era uma subárea da história e ocupava-se dos vestígios materiais encontrados na superfície do solo, configurando-se como o estudo das antiguidades. Ao alcançar seu *status* científico autônomo, essa área de investigação experimentou profundos avanços metodológicos que permitiram ampliar sua aplicação e discutir seus resultados em um nível mais global.

Entretanto, estamos hoje submersos em um contexto de pluralidades e novos acentos na arqueologia. É evidente ainda em nossos tempos os conflitos entre escolas maximalistas e minimalistas, mas há também uma autêntica tentativa de buscar espaços mediadores, menos apologéticos e cada vez mais científicos. A identificação e a exploração dos dados arqueológicos do Reino de Israel têm dado novos tons aos livros clássicos de arqueologia das terras bíblicas, particularmente as escavações em Meguido e Hazor, mas também na Samaria e as recentes expedições em Tel Jezreel e Tel Rehov.

Ainda que enfrentemos certa confusão na delimitação das áreas específicas de estudo do arqueólogo, do historiador, do exegeta e do teólogo, as descobertas arqueológicas têm sido utilizadas cada vez mais pela história para compreender a vida do ser humano no tempo. Também nesse campo estamos em um contexto de pluralidades. Os manuais clássicos de história de Israel em geral seguem metodologicamente a história política, retratando o povo à luz das grandes instituições, fatos e datas marcantes da antiguidade israelita, como crônica dos acontecimentos. Contudo, vimos florescer na pesquisa brasileira trabalhos que seguem os princípios da história social, valorizando os registros humanos que não fazem parte da “literatura oficial”, bem como análises a partir da história cultural, as quais enfocam a construção discursiva ligada à história. Os estudos historiográficos ligados ao mundo bíblico ajudam cada vez mais a esclarecer a relação que existe entre a história acontecida e a história narrada e fundamentam os estudos exegéticos e teológicos.

As leitoras e os leitores encontrarão neste livro justamente esta diversidade de abordagens e opiniões que refletem diferentes lugares de análise e práticas metodológicas dos autores. Peter Dubovský e Norma Franklin trazem sua experiência internacional: o primeiro discute a realidade de Israel no contexto da Assíria, o primeiro império mundial, segundo o pesquisador; Norma, que foi coordenadora da *The Meggido Expedition* e é co-diretora da *Jezreel Expedition*, disserta sobre a ascensão e queda do Reino do Norte. José Ademar Kaefer apresenta um histórico da

“arqueologia bíblica” e, com Luiz José Dietrich, discute a formação do povo de Israel. O exílio da Babilônia é analisado por Douglas de Souza Pedrosa, estudando os tabletes de Āl-Yāhūdu. Em relação ao período do Segundo Templo, Kenner Terra investiga a realidade expressa pela literatura enoquita e suas influências no judaísmo e Valtair Miranda estabelece uma ponte entre a realidade religiosa do Segundo Templo e o culto a Jesus. Esta variedade de aproximações é o que a ABIB trouxe para esse congresso e esperamos que as leitoras e os leitores desfrutem das mais recentes discussões brasileiras e internacionais sobre a arqueologia aplicada às terras bíblicas.

Fabrizio Zandonadi Catenassi

Lília Dias Marianno

Lista de siglas

A.C.	Antes de Cristo
AEC	Antes da Era Comum
ANE	<i>Ancient Near East</i>
AOP	Antigo Oriente Próximo
ASOR	<i>American Schools of Oriental Research</i>
EC	Era Comum
EEF	Fundo de Exploração Egípcia
ISIS	Estado Islâmico
NRSV	<i>New Revised Standard Version</i>
OIC	Instituto Oriental de Chicago
PEF	Fundo para a Exploração da Palestina
PES	Sociedade para a Exploração da Palestina
SBA	Sociedade de Arqueologia Bíblica
SBL	Society of Biblical Literature
TAU	Universidade de Tel Aviv

Israel e Assíria

*Peter Dubovský**

1. A primeira onda da expansão assíria (sécs. 9^o – 8^o a.C.)

Após um período de fraqueza assíria, os assírios acordaram e se tornaram a mais importante força política no Antigo Oriente Próximo (AOP). As campanhas vitoriosas de Adad-nirari II (912-891 a.C.) no Leste (a derrota dos babilônios e arameus), no Norte (Nairi e Habhu) e no Oeste (ao longo dos rios do Cabur e do Eufrates) marcaram os primeiros passos em direção ao Império Assírio. Seu estabelecimento de depósitos de suprimentos para futuras campanhas provou ser uma decisão perspicaz. Seu sucessor, Tukulti-ninurta II (891-884 a.C.) continuou pela mesma linha política e militar. Como resultado dessas políticas agressivas, os reis assírios encheram seu tesouro real com ouro e outros bens, mantiveram um efetivo exército permanente, ampliaram fronteiras, suprimiram rebeldes internos e externos, apoiaram o intercâmbio comercial com a Anatólia e o Egito, construíram novos canais de irrigação e reconstruíram centros assírios como Nínive e Assur, além de estabelecer cidades nos territórios conquistados e anexados que, mais tarde, se tornaram centros administrativos assírios. Esses passos administrativos e militares tornaram-se a base sobre a qual dois gigantes neoassírios, Assurnasirpal II (884-859 a.C.) e Salmanaser III (859-824 a.C.) baseariam suas campanhas militares e projetos de construção sem precedentes (veja adiante).

* Doutor em Bíblia Hebraica pela Harvard Divinity School (Cambridge). Professor no Pontifício Instituto Bíblico (Roma).

Assim, o séc. IX a.C. viu o nascimento do primeiro império mundial – o Império Assírio.

Um novo clima político criado pela primeira onda da expansão assíria fez com que o Levante sofresse grandes mudanças. Os reinos locais e as cidades-estados tiveram que lidar com a expansão da Assíria em todas as direções. Algumas cidades-estados e reinos resistiram até a última gota de sangue, enquanto outros optaram pela submissão e gozaram da proteção do Império Assírio. O tumulto na segunda metade do séc. IX a.C. foi a consequência prática dessa luta de poder. A coalizão levantina antiassíria se dissolveu, Hazael usurpou o trono em Damasco e a dinastia Omrida caiu. A sucessão de Jeú ao trono na Samaria começou uma nova era. Os Nimshidas foram a mais duradoura dinastia em Israel, permanecendo no poder de cerca de 845 a.C. até 735 a.C.

1.1 Expansão assíria sob Assurnasirpal II e Salmanaser III

Assurnasirpal II (884-859 a.C.) foi um general bem-sucedido que realizou campanhas em todas as regiões vizinhas uma ou até duas vezes por ano. Ele chegou até a costa mediterrânea, ainda que não tenha sido capaz de conquistar Tiro. Suas campanhas militares bem-sucedidas reviveram a glória e o controle militar de reis assírios como Tuculti-ninurta I e Tiglat-pileser I (veja adiante). A fim de proteger os territórios conquistados, ele estruturou uma série de fortalezas controlando passagens por rios e montanhas e nomeou governadores nos territórios recém-anexados que governaram as regiões de seus palácios, fornecendo, assim, uma plataforma de onde ele poderia começar uma nova campanha. Em suma, ele estabeleceu o território central do posterior Império Neoassírio. Uma das maiores conquistas de Assurnasirpal II foi a construção de Nimrud (Kalhu), uma capital mundial de pleno direito, contendo um palácio real e templos. A inauguração do palácio impôs altos padrões para a pompa das festas reais. Ela durou dez dias e aproximadamente 70 mil pessoas participaram da festa. O palácio também continha famosos relevos assírios com numerosas inscrições, incluindo abundantes versões da “Inscrição Padrão”. Essa inscrição estabelece os padrões para a escrita dos

anais assírios por dois séculos e influenciou fortemente a historiografia dos sécs. IX e V a.C. (RIMA 2 0.101 1 i 61-67).

O filho de Assurnasirpal, Salmanaser III (859-824 a.C.), herdou a plataforma administrativa e militar, que lhe permitiu ampliar fronteiras. Com Salmanaser III, temos documentos históricos mencionando Israel, os quais possibilitam uma reconstrução historicamente alcançável do Antigo Israel.

As politicamente fragmentadas cidades-estados sírias se tornaram um alvo fácil para a expansão do Império Assírio. A primeira grande realização foi a conquista do reino arameu de Bit-Adini e sua capital, Til-Barsip. A segunda vitória importante foi a derrota de Bit-Agusi. Estando estes dois estados principais arameus nas mãos assírias, Salmanaser III teve a rota desimpedida em direção ao mar Mediterrâneo. O exército assírio se tornou uma ameaça real para os reinos levantinos, os quais criaram uma coalizão poderosa de doze reis levantinos para frear o avanço das tropas de Salmanaser III. De acordo com os anais assírios, dentre os rebeldes estava também Acab, rei da Samaria, cujo exército era um dos maiores da coalizão antiassíria. Os exércitos se encontraram em Qarqar em 853 a.C., e os anais de Salmanaser III noticiaram a vitória esmagadora da Assíria e a destruição de seus inimigos.

Ainda que os anais assírios creditem Salmanaser III com uma vitória esmagadora, os resultados foram mais modestos. Após a batalha em Qarqar, a coalizão dos doze reis levantinos continuou a oposição contra a Assíria; Salmanaser III organizou outras quatro campanhas contra o Oeste, em 849, 848, 847 e 845 a.C. Parece razoável que Israel tenha participado ou sido forçado a participar por Damasco em pelo menos três dessas campanhas. Apesar da enorme pressão militar e da política assíria, a situação no Levante foi menos satisfatória para os assírios, uma vez que as campanhas assírias desestabilizaram seriamente a região e desencadearam novas alianças, guerras locais e a queda de dinastias inteiras.

O ano de 842/841 a.C. (o décimo oitavo ano de Salmanaser III) marcou uma virada decisiva no controle assírio da Síria-Palestina. Após a morte de Bem-Hadad II (Adad-idri nas fontes assírias), Hazael usurpou

o trono. A mudança dinástica em Damasco resultou em uma desintegração da coalizão antiassíria na Síria-Palestina. A Samaria, governada por Jeú, aliou-se à Assíria e até mesmo o reino arameu de Hamate ficou do lado dos assírios. Salmanaser III tirou vantagem dessas mudanças e, em 841 a.C., as tropas assírias marcharam contra Damasco, a sede do rei arameu Hazael. Os anais assírios recordam que, nesse tempo, os assírios não tiveram que encarar a coalizão antiassíria, de forma que Hazael ficou sozinho contra os assírios. Salmanaser III organizou outra campanha punitiva contra Damasco em 838 a.C. e reivindicou uma grande vitória. A “derrota” das tropas arameias, no entanto, não erradicou a política expansionista de Hazael nem suprimiu rebeliões no Levante. Em contrapartida, a Assíria começou gradualmente a perder o controle sobre a Síria-Palestina. Em 829 a.C., a Assíria retirou-se do Levante, deixando a região à mercê dos governantes locais. Como resultado, as posses do território assírio foram significativamente reduzidas ao final do reinado de Salmanaser III.

1.2 Novas estratégias políticas introduzidas por Adad-nirari III

As inscrições do sucessor de Salmanaser III, Samsi-adad V (824-811 a.C.) não mencionam nenhuma campanha ou conflito no Levante. O desaparecimento de Hazael, em torno de 800 a.C., e a nova política no Levante introduzida por Adad-nirari III (811-783 a.C.) mais uma vez alteraram o equilíbrio político na região. O reinado de Adad-nirari III foi previamente considerado como um período de fraqueza assíria, mas o estudo de L. R. Sidall (2013) mostra que o contrário era verdade. Adad-nirari III conduziu quatro campanhas contra o Oeste: contra Guzana, em 808 a.C.; contra o norte da Síria, de 805 a 803 a.C.; contra o Líbano e Arwad, em 802 a.C.; e contra Aram-Damasco, em 796 a.C. Os anais assírios reportam que havia ainda que erradicar a resistência de Aram-Damasco. A maior conquista de Adad-nirari III no Oeste foi sua vitória contra Aram-Damasco, em 796 a.C. Essa vitória abriu acesso ao mar Mediterrâneo. Chegando ao fim do seu reinado, Adad-nirari III

descreveu a si mesmo como o conquistador de todo o Oeste. Contudo, não há evidência de que ele de fato tenha conquistado a Samaria, mas provavelmente as “regiões mostraram alguma forma de submissão pagando tributo no final da década de 790” (SIDALL, 2013, p. 68). Ainda que Damasco, Sidon, Tiro, Arwad e a Samaria tenham se submetido à Assíria tanto por meios militares quanto diplomáticos, elas ainda permaneceram governadas por reis locais vassalos. Esses e outros governantes locais, enquanto leais à Assíria, eram autorizados a agir por conta própria, isto é, eles construía cidades, conduziam campanhas militares e administravam as próprias regiões. O plano estratégico de Adad-nirari III funcionou. Os “homens fortes”, como eram frequentemente chamados os governantes locais, junto à mãe de Adad-nirari II, Sammuramat (Semiramis), ajudaram o rei a controlar o Levante. Como resultado de sua política, depois de 796 a.C., o Levante estava livre de rebeliões e Adad-Nirari III pôde concentrar sua atenção nas regiões do Norte e do Leste, onde ele conduziu várias campanhas.

Ainda que tenhamos apenas poucos textos do período posterior, é possível deduzir que a Assíria ainda desempenhou um papel importante no Levante ocidental. De acordo com as Crônicas Epônimas, Salmanaser IV (783-773 a.C.) realizou campanhas em 775 a.C. para a montanha de Cedro e em 773 a.C. contra Damasco. Seu sucessor, Ashur-dan III (773-755 a.C.), marchou em 765 e 755 a.C. contra Hatarikka e contra Arpad, em 754.

Em suma, uma nova era no AOP começou com Salmanaser III. A Assíria expandiu seu controle por meios militares e diplomáticos sobre toda a Mesopotâmia e boa parte do Levante. Importantes reinos arameus, como Bit-Adini e Bit-Agusi, caíram nas mãos dos assírios. Em 853 a.C., a Assíria encarou uma grande coalizão antiassíria levantina. Ainda que os resultados não tenham sido satisfatórios para a Assíria, após essa data nenhum rei do Levante poderia fingir agir sem levar em consideração os reis assírios. Embora os sucessores de Salmanaser III tenham continuado as operações militares no Levante, eles apoiaram seus vassalos leais, permitindo-lhes expandir seu território e consolidar seus reinos. Dentre os

eventos mais significativos dessa época estão a queda da dinastia Omrida, na Samaria, e da dinastia de Ben-Hadad, em Damasco, a ascensão da dinastia de Jeú na Samaria e a ascensão de Hazael ao trono em Damasco.

2. Os altos e baixos de Israel nos sécs. 9^o e 8^o a.C.

2.1 Visão geral das relações israelitas com a Assíria

A situação política em Israel obviamente dependeu da presença assíria no Levante e da capacidade assíria de frear as tendências expansionistas de Damasco. Durante o séc. 9^o e início do 8^o a.C., Israel passou por muitos altos e baixos e mudou de aliança algumas vezes. A partir desse ponto de vista, o desenvolvimento político em Israel pode ser dividido em três etapas:

1. *A fase omrida-antiassíria (cerca de 860 a 842/1 a.C.):* os anais assírios listaram Acab entre os rebeldes antiassírios. A dinastia Omrida aliou-se aos estados fenícios através de um tratado diplomático que foi selado pelo casamento entre Jezabel e Acab (1Rs 16,31). Contudo, a constante pressão de Damasco, a principal força da resistência antiassíria, e um casamento político com Sidon, que também participou da coalizão antiassíria, não deixaram Acab e seu sucessor com outra opção senão aderir à coalizão antiassíria nas batalhas de 853, 849, 848, 847 e 845 a.C. Participar da coalizão antiassíria parecia ser a melhor opção na época, mas, como as coisas mudaram, isso levou à morte da dinastia Omrida.
2. *Uma nova dinastia aliada à Assíria, mas oprimida pelos arameus (cerca de 842-796 a.C.):* A mudança das casas reais em Damasco coincidiu com um golpe militar na Samaria (842/841 a.C.). A dinastia Omrida foi derrubada e Jeú usurpou o trono (2Rs 9–10). Quando Salmanaser III decidiu em 841 a.C. atacar Hazael, Jeú optou por Sidon e Tiro para se aliar à Assíria. Contudo, nem Salmanaser III nem seu sucessor Shamshi-Adad V foram capazes de resgatar Israel das garras de Hazael. Assim,

até 796 a.C. aproximadamente, a dinastia Nimshida foi dizimada por Hazael e pelas tropas arameias.

3. *Aliado assírio livre para expandir (796-740 a.C.):* Joás (800-784 a.C.) e Jeroboão II (788-747 a.C.) mantiveram a aliança de Israel com a Assíria. Como já indicado anteriormente, Adad-nirari III confiou a “homens fortes” leais manter a região sob controle, enquanto ele fazia campanha no Leste e no Norte. Assim, a nova política assíria na Síria-Palestina e o fim da supremacia de Aram-Damasco no Sudoeste do Levante permitiram a Israel a prosperar política e economicamente. De acordo com a Bíblia, Israel ressuscitou das cinzas, tornou-se próspero e conquistou Judá. A relativa liberdade de Israel terminou com as campanhas de Tiglate-pileser III.

2.2 As intrigas políticas da Samaria

2.2.1 A fase omrida-antiassíria (cerca de 860 a 842/1 a.C.)

A política internacional em que Israel se encontrava estava longe de ser simples e direta. As fontes bíblicas e extrabíblicas permitem aos historiadores reconstruir o balé político dançado pelos reis israelitas na Samaria no final do 9º séc. a.C. e no começo do 8º a.C. A batalha de Qarqar, em 853 a.C., embora não tenha sido uma vitória completa para os assírios, acabou tendo consequências desastrosas para Israel e marcou o início da queda da dinastia Omrida. Pouco depois da batalha, Israel perdeu seu rei, Acab, no campo de batalha. A Bíblia atribui sua morte a um dos soldados de Ben-Hadad II (1Rs 22,29-40). Seu filho Acazias (852-851 a.C.) governou apenas por dois anos, morrendo por um ferimento causado ao cair de uma janela. As pesadas perdas sofridas em Qarqar e a triste morte de dois reis deixaram a Samaria debilitada e despreparada para enfrentar rebeliões em regiões subjugadas.

O momento de fraqueza teve impacto em Moab, um vassalo israelita: “Depois da morte de Acab, Moab se rebelou contra Israel” (2Rs 1,1; NRSV). A Inscrição do Rei Mesa (conhecida também como “A

Inscrição Moabita” ou a “Estela de Mesa”) reportou uma insurreição bem-sucedida contra a casa de Omri (COS II, p. 137). De acordo com a Estela de Mesa, o rei israelita Omri e seu filho sem nome subjugaram Moab. Quando a Assíria começou a exercer seu poder sobre Israel e Aram, Moab não estava listado entre os adversários antiassírios. A distância moabita dos movimentos antiassírios levantinos ajudou as tribos moabitas a manter sua independência. Quando o equilíbrio político no Levante mudou, um líder carismático, Mesa, consolidou as tribos moabitas e estabeleceu uma monarquia. Ele tirou vantagem da fraqueza de Israel não apenas recuperando territórios que haviam sido perdidos para Israel, como também expandindo seu território. Como um verdadeiro líder do AOP, ele reconstruiu várias cidades que estavam em ruínas, fortificou sua capital, construiu uma série de fortalezas e montou um governo centralizado.

Assim, a derrota em Qarqar, as guerras de atrito contra a Assíria, que esgotaram as forças morais e econômicas da coalizão antiassíria, a morte inesperada de dois reis israelitas e a insurreição em Moab lançaram Israel em um período de instabilidade. Ainda que Judá estivesse ligada a Israel pelo casamento de Atalia com Jorão, Judá também recuou e manteve distância de Israel (1Rs 22,49). Adicionalmente, havia uma constante pressão vinda de Damasco, forçando Israel a participar das campanhas antiassírias em 849, 848, 847 e 845 a.C. Não é de admirar que os dois últimos reis Omridas – Acazias (cerca de 852-851 a.C.) e Jorão (cerca de 852-842 a.C.) – tenham se encontrado exaustos pelo constante controle de danos. Além do mais, desastres naturais como a seca e a fome causada por ela (1Rs 17) multiplicaram as dificuldades que a corte e o povo tinham que enfrentar. Finalmente, houve um forte movimento profético que contestou veementemente a política internacional e o sincretismo religioso dos omridas. Embora seja difícil datar os primeiros profetas com precisão, uma teoria de que algumas das lendas curtas e oráculos antiomridas se originaram nesse período é persuasiva. Assim, pelo menos dois profetas se opuseram aos reis omridas – Elias (1Rs 17–19; 2Rs 1) e Miqueias (1Rs 22). O zeloso profeta, Elias, não

apenas visava uma crítica ao rei, mas também criticava severamente sua corte e o povo que estava do lado de Acab. A crítica feita pelos profetas carismáticos, agindo fora do círculo dos profetas da corte, causou uma diminuição da popularidade real e lançou as bases para uma nova forma de *yhwh*-ismo. *Yhwh* estava ligado à terra e deveria ser adorado como o único Deus de Israel. A inconstância do rei e do povo e seu compromisso com divindades estrangeiras foi, de acordo com os profetas, a principal razão para a queda de Israel. Os textos bíblicos e extrabíblicos não deixam dúvidas de que os últimos reis omridas tiveram pouco ou nenhum apoio dos profetas carismáticos, sua corte foi dividida e o povo sofreu com anos de seca. O reino israelita estava à beira do colapso, pronto para uma mudança dinástica.

2.2.2 Uma mudança dinástica – aliado pró-assírio, mas oprimido pelos arameus (cerca de 842-796 a.C.)

De acordo com a Bíblia, o homem de Deus, Eliseu, foi o profeta que desencadeou as mudanças dinásticas em Damasco e na Samaria ao cumprir a comissão que *yhwh* deu a Elias (1Rs 19,16-17; 2Rs 8,11-13). Depois da ascensão de Hazael, o rei israelita, Jorão (851-842) e o rei judaico Acazias (843-842 a.C.) formaram uma coalizão para deter o exército de Hazael em Ramot-galaad, identificado com Tel-Ramith (2Rs 8,28-29). As tropas israelitas foram derrotadas e o rei Jorão foi ferido. Nesse ponto, a dinastia Omrida atingiu seu ponto mais baixo e foi suplantada por Jeú.

De acordo com a Bíblia, Eliseu também foi responsável pela mudança dinástica na Samaria. Após a derrota em Ramot-galaad, Jorão retirou-se para cuidar de suas feridas, e o rei judaíta, Acazias, juntou-se a ele. Eliseu enviou seu servo para ungir o general de Jorão, Jeú. Um redator deuteronomista posterior colocou uma profecia na boca do jovem sobre a condenação que Jeú traria sobre Acab e seus herdeiros (2Rs 9,6-10).

A partir desse momento, Jeú assumiu o comando do exército e começou sua reforma sangrenta. Ele executou tanto o rei de Judá, Acazias, quanto o rei de Israel, Jorão, e sua família. Então, conduziu um expurgo na Samaria e tornou-se rei suserano sobre Israel (2Rs 9–10).

As discrepâncias no texto bíblico e a redação deuteronomista do episódio de Jeú, em 2Rs 9–10, levaram alguns estudiosos a duvidar da historicidade desse relato, particularmente sobre a execução dos reis israelitas e judaítas feita por Jeú. Uma estela descoberta em Tel Dan, em 1993, foi submetida a diferentes críticas. Suas peças foram reaproveitadas como pedras de construção em um edifício datado do 8º séc. a.C., cerca de cem anos após o evento. Os estudos mais recentes têm mostrado que a estela não era falsa e que pode ser datada do séc. 9º a.C. Ela relata a vitória de Hazael sobre Israel (COS II, p. 161-162). A reconstrução da estela permite-nos interpretar o fim da dinastia Omrida de uma forma diferente. De acordo com esse texto aramaico, foi Hazael quem matou tanto o rei judaíta Acazias quanto o rei israelita Jorão.

Outra hipótese desenvolvida pelos estudiosos é que a descrição bíblica da batalha de Ramot-falaad não é precisa e que, na realidade, o rei israelita, Jorão, estava lutando contra os assírios, não contra os arameus, como descrito em 2Rs 8,28-29. M. C. Astour conclui: “Seu assassinato e o extermínio de todos os seus parentes e oficiais (de Jorão) por Jeú aparecem neste contexto histórico como uma medida para apaziguar Salmanaser III e evitar novas represálias assírias” (ASTOUR, 1971, p. 383).

Apesar das incertezas sobre os detalhes exatos de como a dinastia Omrida chegou ao fim, fica claro que, quando em 842/1 a.C. Hazael usurpou o trono em Damasco, a paisagem política do Levante sulista mudou radicalmente. Salmanaser III conduziu uma nova campanha contra ele em 838 a.C., mas não conseguiu deter o ambicioso rei. Quando a Assíria se retirou da Síria-Palestina por volta de 829 a.C., Hazael teve luz verde para expandir seu reino a seu bel-prazer. As inscrições dedicatórias de Hazael, desenterradas em diferentes locais, confirmam essa imagem: a Inscrição A, uma placa de bronze trapezoidal com figuras em relevo, foi desenterrada no templo de Hera em Samos; a Inscrição B1, uma placa de marfim fragmentada, foi encontrada em Arslan Tash (Hadatu); e a Inscrição B2, uma tira de marfim, foi encontrada em Nimrud. Enquanto o achado em um templo grego em Samos pode ser explicado como um objeto de dedicação que passou por diferentes mãos e acabou

na Grécia, os outros dois achados apontam para as conexões que Hazael conseguiu estabelecer com os países vizinhos. Além do mais, essas inscrições, junto com a Estela de Tel Dan, permitem-nos traçar um retrato político e religioso de Hazael. As três inscrições eram dedicatórias que seguiram uma prática comum no AOP, a saber, a dedicação de uma parte do espólio capturado durante uma campanha militar a um deus. A Inscrição A atribui a glória de Hazael ao deus Hadad. Isso pode sugerir uma ascensão do *Hadad*-ismo, uma renovação religiosa monolátrica na Síria. Hadad, não *yhwh*, fez Hazael rei, de acordo com a Estela de Tel Dan, e, sob seus auspícios, Hazael estendeu seu território.

Após a desastrosa batalha em Ramot-galaad, Jeú e seu sucessor fizeram uma mudança radical em sua política internacional. Pouco depois de 841 a.C., os escribas de Salmanaser III compuseram uma inscrição em dois touros monumentais. Eles foram encontrados em Nimrud e relatavam que o rei israelita Jeú, junto a outros reis fenícios e sírios, prestaram homenagem a Salmanaser III. Evidentemente, a campanha assíria contra Hazael, em 841 a.C., foi uma boa razão para mudar as alianças. A coalizão antiassíria iniciada por Ben-Hadad e Acab foi dissolvida e Israel apostou na Assíria. Se o rei assírio Salmanaser III tivesse conseguido derrotar Hazael, Israel, embora ainda continuasse vassalo da Assíria, teria sido libertado de seu opressor arameu. No entanto, o resultado da campanha assíria em 841 a.C. foi ambíguo, e a nova campanha de Salmanaser III, em 838 a.C., não mudou a situação. Quando, em 829 a.C., a Assíria se retirou da Síria-Palestina, Israel ficou à mercê da mão de ferro de Hazael. Os fragmentos da Estela de Tel Dan revelam que Hazael conquistou a parte Norte de Israel. As camadas de destruição datadas aproximadamente do final do séc. 9º a.C. foram desenterradas em Tell el-Hammah, Hazor (Stratum IX), Megido (Stratum VA-IVB) e Tell eṣ-Şafi (Stratum IV). As camadas de cinzas queimadas testemunham as campanhas impiedosas que Hazael conduziu nos territórios israelitas e o sangue derramado por suas tropas. A Bíblia confirma que o reino de Hazael, estando em seu auge, incorporou partes de Israel (2Rs 10,32-33; 12,12-18; 13,2-22).

Apesar da atitude antiassíria do rei de Damasco, os reis israelitas mantiveram sua lealdade à Assíria. A epígrafe do Obelisco Negro, datada de 828-827 a.C., comenta um relevo que ilustra a prostração de Jeú diante de Salmanaser III (RIMA 3 A.0.102.88): “Eu recebi homenagem de Jeú (*Iaua*) da casa de Omri: prata, ouro, uma tigela de ouro, uma terrina de ouro, vasilhas de ouro, baldes de ouro, estanho, os báculos da mão do rei (e) lanças”. Essa prostração voluntária pode se referir a qualquer momento anterior a 828 a.C.

A lealdade israelita à Assíria não salvou os reis israelitas das garras de Hazael. A Bíblia relata que a terra foi devastada e que o exército israelita era praticamente inexistente. Essa foi a situação herdada por Joacaz, sucessor de Jeú: “Então Joacaz ficou com um exército de não mais de cinquenta cavaleiros, dez carros e dez mil homens de infantaria; porque o rei da Síria os destruiu e os tornou como o pó na debulha” (2Rs 13,7; NRSV).

Em conclusão, os textos assírios corroboram a mudança radical na política internacional israelita. A dinastia Omrida, uma aliada arameia que participava da campanha contra a Assíria, foi substituída por uma nova dinastia que se tornou uma aliada assíria e, desse modo, lucrou com as campanhas assírias contra Aram. A dinastia de Jeú desempenhou um papel crucial nesse desenvolvimento, uma vez que a maioria dos reis pertencentes à dinastia de Jeú são datados entre Salmanaser III e Tiglat-pileser III. No entanto, o tratado com a Assíria não salvou Samaria da opressão de Hazael e, durante os próximos cinquenta anos, Israel foi dominado por Damasco.

2.2.3 Aliado assírio livre para expandir (796-740 a.C.)

Os reis israelitas Joacaz (817-800 a.C.), Joás (800-784 a.C.) e Jeroboão II (788-747 a.C.) continuaram a política pró-assíria iniciada por Jeú. A inscrição de Adad-nirari III encontrada em Tell al-Rimah, datada por volta de 797/796 a.C., afirma que o rei assírio “recebeu o tributo de Joás (*Iu'asu*), o samaritano (e) do povo de Tiro (e) Sidon” (RIMA 3 A.0.104.7:8). De maneira similar, as contas administrativas desenterradas em Nimrud confirmam que a dinastia Nimshida permaneceu leal à Assíria. Assim, a lista de vinhos encontrada em Nimrud, datada do início

do séc. 8º a.C., relata que os embaixadores samaritanos trouxeram uma homenagem à Assíria.

Embora os primeiros frutos da submissão à Assíria não fossem muito encorajadores, uma vez que a Assíria não foi capaz de proteger Israel das garras de Hazael, no final, o tratado de Jeú com a Assíria acabou sendo uma decisão de longo prazo. Quando Hazael morreu por volta de 800 a.C. e Damasco foi derrotado em 796 a.C., os reis levantinos que haviam suportado o pesado jugo de Hazael respiraram fundo. Assim, a Estela de Zakkur, datada do início do séc. 8º a.C., mostra o mesmo que os textos bíblicos. Zakkur foi oprimido, mas, pelo comando de seu deus Ba'lishamayn, ele se recuperou e derrotou seus opressores. As promessas divinas se assemelham em vários aspectos àquelas encontradas nos primeiros profetas da Bíblia (COS II, p. 154).

As mesmas coisas aconteceram para Israel, que foi libertado de seu feroz opressor arameu e estava bem posicionado para lidar com seus vizinhos mais fracos, como Moab, Amon e Judá. Assim, os *nimshidas* residentes na Samaria tiveram uma chance única. Embora os reis de Samaria fossem leais à Assíria, eles gozavam de uma grande extensão de liberdade e, como argumentado anteriormente, sua independência substancial fazia parte da estratégia de Adad-nirari III de manter o Levante calmo para que ele pudesse realizar campanhas em outras partes do AOP. Esse novo equilíbrio político permitiu que Israel se recuperasse de um longo período de estagnação militar e política. A dinastia de Jeú (842-747 a.C.) incluiu cinco reis, que reinaram na Samaria por quase cem anos, tornando-se, assim, a dinastia mais duradoura em Israel.

Além de alguns dados arqueológicos, a única fonte disponível sobre essa recuperação são passagens bíblicas escritas em estilo de anais. Uma série de notas nos Livros dos Reis relatam concisamente os primeiros passos da recuperação israelita (2Rs 13,24-25; 14,25.28).

É impossível provar a historicidade desses versos, mas eles correspondem ao padrão de expansão e contração encontrado entre os reinos levantinos durante a primeira fase da expansão assíria. Quando um reino vacilava, outros expandiam seu território às custas desse reino. Esse

padrão de “harmônica” governava as relações internacionais antes de Tiglat-pileser III. Assim, quando Aram-Damasco enfraqueceu-se, no início do 8º a.C., Israel e Hamat expandiram seus territórios e absorveram cidades que antes estavam sob o controle de Damasco. Uma recuperação semelhante de territórios ocorreu também em Sam'al e em outras partes do AOP controladas pelos assírios. Alguns estudiosos argumentam que a derrota dos arameus, descrita em 2Rs 6, pode estar ligada à vitória de Joás sobre os arameus. Se aconteceu assim, isso significaria, por sua vez, que a opressão síria de Samaria foi aliviada quando Nergal-eresh, um governador assírio de Hindadu e comandante das tropas de Adad-nirari III contra Damasco, derrotou os arameus.

A recuperação militar foi apenas um fragmento no mosaico. O período de depressão econômica chegou ao fim quando Israel, sob Joás e Jeroboão II, começou a florescer economicamente (cf. 2Rs 14,25.28). A renovação de Israel pode ser rastreada em registros arqueológicos. S. Hasagewa revisou material arqueológico do 9º e do 8º séculos a.C. e concluiu que havia importantes projetos de construção concluídos no período do reinado de Joás-Jeroboão II, como Tel Dan, Hazor, Tel Kinrot, Beth-shean, Tel Rehov, Megiddo, Tel Yoqne'am, Tel Ta'anach, Samaria, Tell el-Far'ah, Tel Gezer e Tell el-Asāwir/Tēl Ēsūr.

Além disso, os óstracos de Samaria refletem uma crescente burocracia desse período e a análise de selos e impressões de selos também aponta para a expansão da atividade dos funcionários israelitas na esfera econômica.

A consolidação política, econômica e militar acompanhou de forma pareada a renovação cultural e religiosa de Israel. Os estudos histórico-críticos de 2Rs 13–14 mostram que esses capítulos contêm passagens anteriores às primeiras redações deuteronomistas, como fórmulas sincrônicas incomuns em 2Rs 14,15-16.17 e suas versões em grego antigo, a descrição da conquista de Jerusalém (2Rs 14,12-14) e alguns relatos em forma de anais (2Rs 13,24-25; 14,25.28). Os estudiosos analisaram essas passagens, comparando-as com estilos historiográficos típicos do Levante, no final do século 9º e início do século 8º a.C., e concluíram que as

primeiras composições historiográficas em Israel foram compostas nesse período. Além disso, argumentou-se que o ciclo de Jeroboão II se reflete nos contos de Jacó no Gênesis e nos contos heroicos do Livro dos Juízes. Segundo ele, essas tradições reais foram consignadas por escrito nos dias de Jeroboão II. A vitória dos nimshidas e o subsequente desenvolvimento da identidade israelita explicariam por que a apresentação positiva dos omridas teria sido excluída dos textos associados à dinastia posterior. Alguns estudiosos foram ainda mais longe e sugeriram que várias realizações de Jeroboão II foram atribuídas a outros reis, especialmente a Salomão e Jeroboão I. De acordo com 1Rs 9,15, Salomão construiu Hazor, Megido e Gezer. O registro arqueológico sugere que essas obras devem ser datadas no reinado de Jeroboão II e não no tempo de Salomão.

Em conclusão, embora os reis nimshidas estivessem sujeitos à Assíria, eles gozavam de um grande grau de autonomia como parte da estratégia de Adad-nirari III para manter o Levante calmo. Além do mais, a derrota de Aram-Damasco, em 796 a.C. marcou o fim do domínio arameu sobre Israel. Obviamente, isso permitiu que Joás e Jeroboão II, reinando entre 800 e 747 a.C., recuperassem territórios que haviam perdido para Aram-Damasco. Eles tiraram Israel da depressão política e econômica e levaram a uma época de crescimento econômico e militar. A independência política de que gozavam dentro de sua fidelidade à Assíria permitiu-lhes consolidar o reino e apoiar importantes atividades literárias que contribuíram para a versão final da Bíblia. Em particular, os mitos de fundação e os primeiros escritos historiográficos podem ser datados desse período.

3. Período sargônio (8^o – 7^o sécs. a.C.)

O controle assírio sobre o Levante começou a declinar no século 8^o a.C. Os reis assírios Ashur-dan (772-755 a.C.) e Ashur-nirari V (755-745 a.C.) foram dois dos reis mais fracos da Assíria. A Assíria perdeu territórios conquistados por Adad-nirari III e seus predecessores, o reino foi atingido por severas pragas e perturbado por rebeliões, e os reis

realizaram muito poucas campanhas. O declínio do poder assírio deu mais espaço a funcionários da corte, como o turtānu (comandante-chefe) Shamshi-ilu, que agia de forma independente, e a outros governantes locais, como Jeroboão II de Samaria (788-747 a.C.). A independência dos governantes locais e funcionários da corte chegou ao fim com a ascensão de Tiglat-pileser III ao trono (744-727 a.C.). Seu reinado foi um divisor de águas no controle assírio do AOP, e ele pode ser corretamente considerado o fundador do primeiro império mundial. Suas campanhas e a nova estrutura administrativa criaram uma base sólida para o Império Assírio, que durou até 612 a.C.

No Egito, uma nova dinastia assumiu o controle do Baixo e do Alto Egito. Os kushitas estabeleceram a 25ª dinastia. Suas relações com a Assíria oscilaram. Assim, o faraó Piye apoiou a coalizão antiassíria que se opunha a Tiglat-pileser III (guerra Siro-Efraimita). Durante o reinado de Sargão II, o faraó Shebitku pagou tributos à Assíria. Então, ele indiretamente apoiou Yamani, o rei de Asdod, em sua rebelião contra a Assíria, mas, quando Yamani se refugiou no Egito, Shebitku o enviou a Sargão II em grilhões. Os próximos dois faraós, Shabaka e Taharqa, foram mais hostis à Assíria e de bom grado deram seu apoio às revoltas antiassírias no sul do Levante, por várias razões. Primeiramente, porque a expansão da Assíria a tornou uma ameaça iminente para o Egito; e, em segundo lugar, porque o controle assírio do Levante prejudicou o comércio egípcio com os portos fenícios e com a Samaria. Assim, Taharqa apoiou a guerra fenício-filisteu-judaíta contra Senaqueribe, em 701 a.C. Mas a resistência egípcia e a intromissão nos assuntos levantinos foram em vão. Assaradon invadiu o Egito e Assurbanipal completou a conquista do Egito.

3.1 O início do Império Assírio (Tiglat-pileser III; 744-727 a.C.)

3.1.1 Uma visão geral do reinado de Tiglat-pileser III

A situação no ANE mudou radicalmente com Tiglat-pileser III (conhecido também como Pul nos escritos babilônicos e hebraicos). Em meio a rebeliões, derrotas e desastres naturais sofridos pela Assíria em

meados do séc. 8º a.C., Tiglat-pileser III emergiu como um líder carismático, um administrador astuto e um excelente estrategista militar. Ele alegou ser o sucessor de Adad-nirari III, e a Lista de Reis Assírios o retratou como filho de seu predecessor, Ashur-nirari V; porém, é mais provável que ele fosse um usurpador que tomou o trono em 745 a.C. Após a ascensão ao trono, ele instituiu várias reformas que levaram à fundação do Império Neoassírio. Ele reestruturou as tropas assírias, criando o primeiro exército permanente no AOP. Suas campanhas tiveram poucos paralelos na história militar do AOP. Ele refreou os “homens fortes” tolerados por Adad-nirari III e dividiu os territórios conquistados em províncias, nomeando eunucos como governadores provinciais. Finalmente, Tiglat-pileser III originou os primeiros serviços de inteligência do mundo para mantê-lo informado sobre a situação nos territórios centrais do inimigo e em suas próprias províncias e reinos vassalos. Essas reformas, juntamente com seu caráter aventureiro e perspicácia militar, fizeram dele o fundador do Império Neoassírio.

3.2 Expansão territorial e militar de Tiglat-pileser III

As capacidades administrativas de Tiglate-Pileser III e seu firme comando do exército renderam bons frutos em suas campanhas militares. Primeiro, ele suprimiu uma insurgência antiassíria na Babilônia e se tornou o primeiro assírio rei da Babilônia, aparecendo nas fontes babilônicas como Pulu. A conquista do Oeste está entre suas principais conquistas. A conquista gradual do Oeste ocorreu em três etapas.

3.2.1 Primeira etapa – a conquista de Arpad (743-740 a.C.)

Para compreender a primeira etapa da expansão assíria e a importância da conquista de Arpad por Tiglat-pileser III, devemos compreender seu contexto geopolítico. A cidade de Arpad (Tell Rifa'at) está situada a cerca de 40 km a nordeste de Aleppo. Após a queda do reino hitita por volta de 1200 a.C., Arpad tornou-se uma das mais proeminentes cidades-estados arameias que governavam a área de Bit-Agusi. Nas fontes assírias, é conhecida como *āl šarrūti*, “uma cidade real”. A localização

estratégica dessa cidade deveu-se a dois fatores. Primeiro, controlava uma área muito fértil e, conseqüentemente, sempre foi uma cidade rica. Em segundo lugar, controlava as principais vias de comunicação entre o Leste e o Oeste, o Norte e o Sul. Por essa razão, tal área, primeiro dominada por Arpad e depois por Aleppo, confrontou a aspiração de qualquer governante que quisesse controlar o Norte da Síria. Desse modo, Salmanaser III dedicou várias campanhas para conquistá-la. As batalhas sangrentas entre o ISIS e o governo sírio também ocorreram nessa área. Portanto, a conquista de Arpad foi o primeiro teste das habilidades militares de Tiglate-pileser III.

Desde Adad-nirari III, os assírios permitiram que os governantes locais, como Mati-il, rei de Arpad, Manaém, rei de Israel, e outros, governassem seus reinos sem interferência. Como resultado dessa política assíria e da gestão hegemônica de Mati-il, Bit-Agusi, cuja capital era Arpad, tornou-se o reino arameu mais importante em 754-744 a.C. De acordo com o SAA II 2, o rei de Arpad, Mati-il, concluiu um tratado com o rei assírio Ashur-nirari V, datado provavelmente de 746 a.C. Esse tratado, no entanto, teve pouco impacto sobre o controle assírio da região. Como resultado dessa constelação política, se os assírios quisessem expandir seu controle sobre o Oeste, eles teriam que enfrentar Bit-Agusi e sua capital Arpad, governada por um rei capaz, Mati-il.

Mati-il, sentindo a ameaça incumbente de um novo e ambicioso rei, Tiglat-pileser III, juntamente com o rei urartiano Sarduri II e outros reis sírios e anatólios, criou um poderoso bloco antiassírio. No entanto, os assírios derrotaram a coalizão. Primeiro, os assírios atacaram Arpad. Enquanto sitiavam Arpad, os assírios souberam de um contra-ataque urartiano. Eles não foram pegos de surpresa e derrotaram as tropas urartianas. O rei urartiano, Sarduri, escapou e o exército assírio invadiu o território urartiano. Tendo estabelecido Urartu, os assírios cercaram Arpad por três anos e a transformaram em uma nova província assíria (RINAP 1 35 i 21'-43'). Essa campanha permitiu que os assírios se apoderassem da região estrategicamente importante de Bit-Agusi e, assim, controlassem o acesso à Anatólia e ao Sul da Síria.

3.2.2 Situação em Israel e Judá

A Bíblia não registra essa etapa da expansão assíria, mas a conquista da coalizão antiassíria de Arpad é mencionada na Bíblia como um exemplo do poder irresistível da Assíria (cf. 2Rs 18,34; 19,13; Is 10,9).

Em Judá, Azarias, também conhecido como Uzias (785-733 a.C.), sucedeu seu pai Amazias. Foi um período de estabilidade dinástica; seu reinado foi o mais longo da história de Judá. No final de seu reinado, o rei ficou doente e o poder real passou para as mãos de seu filho Jotão (759-743 a.C.). Nenhum evento especial pode ser rastreado até o período de seu reinado. O controle de Azarias e Jotão era limitado a Judá e Benjamim. Foi essencialmente um período de estagnação.

Por outro lado, nesse período Israel foi mergulhado em uma guerra civil e despedaçado por vários golpes. Israel floresceu econômica, política e religiosamente durante o reinado de Jeroboão II (cerca de 788-747 a.C.). Com Zacarias (cerca de 747 a.C.) a glória da dinastia nimshida desapareceu completamente. Zacarias foi assassinado em uma conspiração orquestrada por Salum. O usurpador Salum desfrutou da glória do trono apenas por um mês. Manaém, um novo usurpador (cerca de 747-737 a.C.), assassinou Salum e depois atacou a cidade de Tifsa. Não há fontes extrabíblicas documentando o reinado de Manaém antes de 738 a.C. De acordo com 2Rs 15,14, a revolta de Manaém teve origem em Tirza. Os autores bíblicos, enfatizando Tirza (Tell el Far'ah Norte) como ponto de partida tanto da revolta de Manaém (2Rs 15,14) quanto de sua campanha para o Leste (2Rs 15,16), conectaram à antiga capital Tirza uma nova, embora curta, dinastia (1Rs 15,33; 16,8.15.23). Quando Tirza foi incendiada durante um cerco, Omri mudou sua capital para Samaria, e Tirza desapareceu do relato bíblico. As escavações de Tirza (Tell el-Far'ah Norte) mostraram que uma cidade florescente (Stratum VIIb) foi destruída no início do séc. 9º a.C. (cerco de Omri; 1Rs 16). Então, a cidade ficou deserta por um tempo. O Stratum VIIc testemunha o ressurgimento da vida urbana em Tell el-Far'ah North. Esse estrato corresponde ao período de Manaém. Os estratos de Tirza, datados da metade do séc. 8º a.C.,

tinham um palácio e três casas patricias, o que significa que nessa época a cidade havia recuperado sua proeminência, com um edifício principal comparável em tamanho aos edifícios em Megido e Hazor. O renascimento de Tirza despertou as tensões que se originaram, cem anos antes disso, entre a antiga capital de Tirza e a nova capital, Samaria. Parece que Manaém aproveitou essas tensões para organizar seu golpe. Depois de derrubar o governo, ele se aproveitou da distância assíria e das enfraquecidas cidades-estados arameias na Síria para expandir seu reino. Seu reinado, no entanto, foi um dos regimes mais violentos que Israel já conheceu. Ele não hesitou em cometer os crimes de guerra mais violentos para eliminar a oposição, como rasgar os corpos de mulheres grávidas (2Rs 15,16). Esse regime sangrento trouxe “estabilidade” por mais de uma década dentro de uma era muito turbulenta.

3.2.3 A nova “burguesia” e o nascimento de uma nova corrente profética

A paisagem e a agricultura das regiões ao redor de Samaria determinaram a geopolítica da Idade do Ferro. O cultivo em terraços implantado no início da Idade do Ferro I manteve-se como a forma de agricultura dominante na Idade do Ferro II. Os pedaços de terra eram propriedades importantes, e o controle da terra determinava o suprimento de alimentos para a Samaria. Alguns estudiosos argumentam que é impossível falar sobre um governo centralizado na Samaria. A análise dos óstracos samaritanos mostrou que eles não representam taxas impostas por um sistema estatal complexo. No séc. 8º a.C., a sociedade israelita ainda era principalmente um sistema rural de poderosos grupos consanguíneos agrupados em torno da residência real. Embora os reis samaritanos tivessem que levar em conta esses grupos, nada indica que os reis controlassem efetivamente as áreas dos clãs. Assim, na metade do séc. 8º a.C., na área fortemente circunscrita entre a Samaria e Shemesh, propriedades ricas eram controladas por poderosos barões da terra. A política assíria introduzida por Adad-nirari III e continuada por seus sucessores permitiu que alguns indivíduos fortes, tanto no palácio quanto nas províncias,

concentrassem poder e riqueza em suas mãos. O controle econômico e comercial samaritano provavelmente incluiu trechos significativos das rotas comerciais que passavam pela área. Esse desenvolvimento, sem dúvida, revitalizou os estreitos contatos comerciais da Samaria, se não até uma real relação de pacto, com Tiro e outras cidades-estados fenícias.

O crescimento econômico, a estabilidade política e as vitórias militares fizeram com que o rei e seus partidários acreditassem que sua fidelidade a *yhwh* havia trazido a bênção divina do bem-estar material. “Os benefícios concedidos a Israel e Judá, as bênçãos que choveram sobre eles de um céu benevolente, eram prova adequada não apenas do favor divino, mas do mérito moral de Israel” (ANDERSEN, 1983, p. 31). No final do reinado de Jeroboão II e nos anos seguintes, era natural que convicções religiosas pessoais como essas apoiassem a ideologia real, mas a prosperidade da Samaria e a concentração de riqueza nas mãos de alguns indivíduos andavam de mãos dadas com vícios morais, sincretismo religioso e injustiça social, que os ricos e poderosos mantinham fora da vista e da mente. Assim, na segunda metade do séc. 8º a.C., uma nova corrente profética, tipificada por Oseias e Amós, surgiu para desafiar os profetas e clérigos da corte estabelecida. Os movimentos proféticos que se originaram nesse período chamaram a atenção para o outro lado da moeda. Oseias e Amós criticaram a liderança estabelecida e o culto em Israel por injustiça social, abuso cultural e idolatria escondida. Essas palavras e atos proféticos não apenas iluminaram o lado sombrio do bem-estar material como também criaram um novo gênero literário, que foi desenvolvido em coleções literárias importantes e únicas, como Oseias, Amós etc. Com essas composições literárias, a língua hebraica e a literatura atingiram um novo patamar de qualidade. Elas também estabeleceram o contexto religioso e cultural do período tumultuado que estava por vir.

3.2.4 Segunda etapa – a conquista do norte da Síria (738-734 a.C.)

Em 739 a.C., Tiglat-pileser III derrotou Ulluba (RINAP 1 37), localizado na fronteira com Urartu, certificando-se de que os urartianos não

atacariam as forças assírias pela retaguarda, enquanto travavam guerra na Síria. Essa medida de segurança permitiu que ele se expandisse mais profundamente na região de Unqi/Patina, nas profundezas da Síria. Nessa campanha (738 a.C.), Tiglat-pileser III conquistou Kullani, a bíblica Calane (Is 10,9), localizada a oeste de Arpad. Comparando os textos existentes de uma estela do Irã (RINAP 1 35) e os anais de Kalhu (RINAP 1 11-15; 26-28; 30-32), é possível reconstruir a seguinte sequência de eventos.

- *Fase I:* Tutammu, rei de Unqi/Patina, violou a aliança que havia feito com a Assíria. Tiglat-pileser III ficou furioso (RINAP 1 12:4'), conquistando a cidade real de Kullani no decorrer de uma campanha (738 a.C.) e tornando a região uma nova província assíria (RINAP 1 12:11'-12'). A conquista das cidades de Kullani e Arpad e sua plena incorporação ao sistema de províncias assírias permitiram que os assírios controlassem duas grandes rotas para o sul: Kullani fica no início da estrada costeira que vai para Biblos, Tiro, Gaza e para o Egito, seguindo ao longo do rio Orontes, que desce por Qarqar até Hama. Arpad controla a estrada nas margens do deserto sírio, que passa por Halab até Hamat, Damasco e a Transjordânia. A localização geográfica de Kullani fez com que a região sempre fosse um centro de conflitos. Ninguém poderia obter controle sobre o Noroeste da Síria sem subjugar essa região também. Assim, o gênio tático de Tiglat-pileser III passou nesse segundo teste importante, e Kullani foi levada para a órbita assíria.
- *Fase II:* O controle de duas estradas estratégicas permitiu que os assírios fizessem um ataque rápido ao longo da costa até Biblos (RINAP 1 35 ii 22'-23'). A submissão de Azriyau (*Azrī-Iāu*; RINAP 1 13:2; 31:7), que controlava várias cidades na região de Hamat, provavelmente data dessa época. Embora sua identidade seja difícil de estabelecer, ele não deve ser identificado com o rei de Judá, Azarias. Nessa fase, todo o Norte da Síria foi anexado à Assíria e governado por governadores provinciais assírios.

Pouco depois da conquista de Kullani, vários reis, entre os quais também Rezin, rei de Damasco, e Manaém, rei da Samaria, trouxeram presentes a Tiglat-pileser III e começaram a pagar tributos regulares. Os anais assírios (RINAP 1 13-14 e 26-27) registram que, após a conquista, Tiglat-pileser III não apenas reorganizou a estrutura administrativa do Norte da Síria como também iniciou uma realocação maciça dos habitantes. O reassentamento da população foi uma estratégia para controlar os territórios recém-adquiridos, introduzidos por Tiglat-pileser III. A deportação em massa desenraizou os rebeldes e fez mudanças significativas na demografia do Norte da Síria. A deportação de habitantes locais, a importação de grupos étnicos e o estabelecimento de novas províncias assírias no Norte da Síria (Bit-Agusi, Unqi/Patina, Hatarikka, Kashpuna) criaram uma base firme para o controle assírio da região. Ela nunca mais se rebelou contra a Assíria. As regiões recém-assimiladas desfrutaram da *Pax Assyriaca* e floresceram economicamente. Por essas razões, essa região permaneceu pró-assíria mesmo após a queda de Nínive, em 612 a.C.

3.2.5 Situação em Israel e Judá

Fontes bíblicas e assírias confirmam que, embora Manaém fosse implacável e brutal na batalha, ele era um diplomata astuto e bem-sucedido. Vendo a conquista assíria do norte da Síria, Manaém, juntamente com outros governantes levantinos, prestou homenagem a Tiglat-pileser III (RINAP 1 32:1).

A Bíblia também documenta a prontidão de Manaém para substituir a guerra pela diplomacia: “Manaém deu a Pul mil talentos de prata, para que o ajudasse a confirmar seu domínio do poder real” (2Rs 15,19; NRSV). H. Tadmor argumentou de forma convincente que um tributo tão alto se destinava a garantir o apoio de uma potência estrangeira para um usurpador ou um rei cujo domínio do poder fosse perturbado por uma agitação doméstica. O cenário histórico mais provável para o pagamento

de Manaém é durante a Fase II, ou seja, logo após a conquista de Kullani, em 738 a.C. Quando os poderes menores concordavam em se render a um poder maior, os vassalos traziam presentes (*tāmartu*, derivado do verbo “ver”) e concordavam em pagar *biltu* e *maddattu*, tributos e impostos, em horários regulares. É possível que o relato bíblico se refira ao primeiro tipo de pagamento, enquanto as inscrições assírias falam do pagamento de um tributo ou imposto contínuo. Ao submeter-se à Assíria, Manaém conseguiu permanecer no poder dentro de Israel, eliminando não apenas a oposição ao seu reinado como também a oposição à autoridade da Assíria. Enquanto o israelita mantivesse a paz com a Assíria, Tiglat-pileser III estava disposto a ignorar a crueldade e a violência do reinado de Manaém sobre seu próprio povo.

De acordo com os relatos bíblicos, o rei judaico Jotão (759-743 a.C.), filho de Azarias/Uzias, foi credenciado para atividades de construção em Jerusalém; em particular, a construção do portão superior do templo (2Rs 15,35). De acordo com 2Rs 15,37, Jotão não tinha ambições expansionistas, na maioria das vezes, mas desempenhou o papel de um observador passivo dos eventos no Norte. 2Cr 27,5-7 afirma que Jotão conquistou Amon, que caiu com a esfera de influência do Reino do Norte. Nesse caso, Jotão deve ter aproveitado a instabilidade após a rebelião de Peca para invadir Amon e subjogá-lo por um tempo. No entanto, os estudiosos discutem se 2Cr 27,5-7 é historicamente confiável.

3.2.6 Terceira fase – a derrota da coalizão Siro-Efraimita (734-732 a.C.)

Depois de 738 a.C., Tiglat-pileser III consolidou o controle do Norte da Síria, que ele dividiu em quatro províncias sob a autoridade de governadores assírios. Uma deportação em massa dos habitantes originais mudou a demografia da região, e o resto dos principais reis siro-palestinos se submeteu a Tiglate-pileser III e pagou tributos. A paz não durou muito. Damasco organizou outra coalizão antiassíria composta por Rezin, rei de Damasco, Hiram, rei de Tiro, Peca, rei da Samaria, Hanunu,

rei de Gaza, e Samsi, rainha dos árabes. Essa coalizão controlava a Síria-Palestina e o deserto da Arábia. Tiglat-pileser III precisou de três anos para derrotar os rebeldes (734-732 a.C.). Uma estratégia simples, mas eficaz, foi colocada em ação. Tiglat-pileser decidiu não atacar Damasco, epicentro fortificado da rebelião, ou a Samaria, localizada em terras altas inacessíveis. O controle de Kullani e Byblos permitiu que ele se movesse rapidamente para o Sul, ao longo da costa do Mediterrâneo. Ele primeiro atacou Tiro, o elo mais fraco da coalizão. Antes que Damasco pudesse vir em socorro de Tiro, o rei Hiram se rendeu. A rendição de Tiro abriu a estrada ao longo da costa do Mediterrâneo. Os assírios imediatamente enviaram carros velozes e cavalaria para o Sul, ao longo da costa filisteia. Uma cidade após a outra se rendeu; Hanunu, rei de Gaza, o mais importante rei antiassírio na Filisteia, fugiu para o Egito. Quando as tropas assírias chegaram à fronteira egípcia, montaram um bloqueio na estrada costeira entre o Egito e Gaza. Em um ano, a coalizão antiassíria perdeu duas figuras importantes, Hiram, rei de Tiro, e Hanunu, rei de Gaza. Como Judá e os reinos transjordanianos eram vassalos de Tiglat-pileser III, a Assíria conseguiu bloquear as estradas entre o Levante e o Egito, impedindo assim que o faraó egípcio viesse em socorro. No ano seguinte (733 a.C.), os assírios se aproximaram de Damasco. Eles derrotaram as tropas de Rezin em uma batalha campal, saquearam a região e cortaram as tamareiras. Embora eles não tenham conquistado a cidade de Damasco, eles a tiraram da luta: “Eu o prendi [Rezin] [lá] como um pássaro em uma gaiola” (RINAP 1 20:11’). Os assírios então se moveram ao longo da “estrada” real da Transjordânia e infligiram uma pesada derrota aos árabes no deserto (RINAP 1 20:18’). Assim, a coalizão antiassíria perdeu outro jogador-chave, quando a rainha árabe, Samsi, e as duas cidades rebeldes restantes, Samaria e Damasco, ficaram isoladas umas das outras. Depois de romper a coalizão no ano seguinte (732 a.C.), Tiglat-Pileser atacou diretamente Damasco. A cidade caiu rapidamente, Rezin foi executado e Damasco tornou-se a sede de uma nova província assíria. Durante sua rápida marcha através de Israel, Samaria se rendeu, e o resto dos rebeldes, como Rukibtu, rei de Ashkelon, rendeu-se (RINAP

1 21:12'-16'). Como nas etapas anteriores, também nesse caso uma deportação e saques em massa se seguiram à derrota da coalizão (RINAP 1 20:13'-14'; 48:24'-25'). Os reinos mais afetados foram os de Damasco, Israel e os árabes.

3.2.7 A situação em Israel e Judá

O filho de Manaém, Pecaías (738-736 a.C.), deu continuidade à política pró-assíria de seu pai. A divisão interna do reino aumentou e um novo usurpador, Peca, derrubou a dinastia de Manaém logo após as tropas de Tiglate-Pileser III deixarem o Norte da Síria. Peca juntou-se à coalizão antiassíria. A Bíblia relata os eventos em um estilo analítico conciso (2Rs 15,24).

A unidade da coalizão antiassíria levantina era uma questão de vida ou morte para Damasco e Samaria. No entanto, os reinos menores, como Judá, Moab e Amon, fizeram um cálculo diferente. Eles sabiam que o Egito era fraco demais para se opor à Assíria. Os jogos políticos e as incursões de Samaria e Damasco não inspiravam confiança. Consequentemente, reis locais menores pediam ajuda não do Egito, que era mais próximo, mas da Assíria, mais distante. Assim, por exemplo, o rei moabita enviou um pedido de ajuda à Assíria, quando foi atacado pelos que-daritas. O rei judaico Acaz estava em situação semelhante. Ele teve que escolher entre aderir à coalizão antiassíria ou submeter-se à Assíria. A Bíblia relata que ele optou pelo último. Evidentemente, os organizadores da resistência antiassíria, o rei israelita Peca e o rei arameu Rezim, não podiam se dar ao luxo de ter esse incômodo a seu lado e atacaram Judá. As campanhas de Aram e Israel contra Judá são chamadas de “guerra Si-ro-Efraimita”. Tiglat-pileser III aceitou de bom grado o convite de Peca para suprimir os rebeldes antiassírios. A coalizão antiassíria foi derrotada e Samaria se rendeu. Remanescentes dos anais assírios relatam a derrota de Israel (RINAP 1 42:15'-19'; 44:17'-18'). A Bíblia também relata esses eventos (2Rs 15,29-30).

Os resultados das invasões de Tiglat-pileser III foram desastrosos para Damasco e Samaria. Rezin foi executado. Damasco deixou de

existir e tornou-se uma província assíria governada por um governador assírio. Numerosas cidades de Damasco e Israel foram saqueadas, arrasadas e abandonadas até o período persa. Os habitantes de regiões inteiras foram deportados e o território, repovoado. Pouco depois de 732 a.C., Megido foi separada da Samaria e tornou-se outra província assíria governada por governadores assírios. Nenhuma fonte menciona a destruição da Samaria, mas que somente ela foi deixada livre (RINAP 1 44:18'). Duas lajes quebradas mencionam a morte de Peca, embora o texto não deixe claro quem o matou. O sujeito do verbo poderia ser “eu”, ou seja, Tiglat-pileser, ou, mais provavelmente, “eles”, ou seja, os habitantes de Samaria (RINAP 1 42:17'; 44:18'). De qualquer forma, um novo rei, Oseias, tornou-se um fantoche sob o controle de seu senhor assírio. À luz da destruição que Damasco e Israel sofreram, a profecia de Isaías (cap. 9) tinha que soar como um sonho impossível para as pessoas que viram as cidades queimadas de Galileia, Zabulon, Neftali, a devastação do reinado de Samsi (Transjordânia) e o rompimento da estrada costeira (Is 9,1-2).

Em vista desses eventos, a decisão de Acáz de ficar do lado da Assíria provou ser uma excelente escolha política. Ele permaneceu no trono e desfrutou da proteção assíria. Nenhuma cidade judaíta foi saqueada ou destruída, e seu povo não foi deportado. O compromisso de Acáz salvou seu país dos traumas que Damasco e Israel sofreram. No entanto, o profeta Isaías condenou com veemência a aliança que Acáz forjou com a Assíria (Is 7,1-17), prevendo a infeliz consequência de se submeter a ela. Em 701 a.C., a Assíria, a salvadora de Acáz, tornou-se a destruidora de Judá.

3.3 Uma nova onda de expansão assíria sob Salmanaser V e Sargão II

Salmanaser V (727-722 a.C.) era bem versado nas políticas militares e administrativas de seu pai, Tiglat-pileser III, por meio das quais abordou os problemas da parte ocidental de seu império. Embora os documentos existentes sejam incompletos, sabemos que Salmanaser realizou

algumas campanhas militares, entre as quais uma contra Samaria no final de sua vida, por volta de 722 a.C. A conquista de Samaria, Sam'al e Que, que transformou esses centros em novas províncias assírias, foi um passo importante na conquista assíria do Oeste.

O sucessor de Salmanaser, Sargão II (722-705 a.C.), provavelmente usurpou o trono de seu irmão, Salmanaser V. Durante seu reinado, o Império cresceu e ficou mais organizado. Em 720 a.C., Sargão II suprimiu rebeliões na Babilônia e derrotou a coalizão antiassíria liderada por Hamat. Graças a uma rede de inteligência bem organizada, ele recebeu informações oportunas sobre a derrota do rei urartiano Ursa, no norte da Anatólia. Aproveitando o momento de confusão e fraqueza em Urartu, ele conquistou o mais importante santuário urartiano, Musasir, em 714 a.C. A partir desse momento, Urartu não foi capaz de se opor à Assíria como antes. O maior feito militar de Sargão II foi a conquista da Babilônia. Depois de uma rebelião maciça organizada por Merodach-baladan II (Marduk-apla-iddina II), Sargão exerceu forte pressão psicológica sobre as tribos caldeias e arameias para que se rendessem; seus esforços foram parcialmente bem-sucedidos. Então, ele isolou os rebeldes uns dos outros e finalmente atacou a Babilônia. Durante esse período, Sargão II tinha centenas de espiões operando no que hoje é o Iraque, que lhe forneceram informações precisas que ele usou em suas operações militares e táticas psicológicas. Sua morte trágica durante uma campanha na Anatólia, em 705 a.C., foi considerada um sinal da ira divina e desencadeou uma série de rebeliões que marcaram os primeiros anos do reinado de Senaqueribe. Além de seus sucessos militares, Sargão II construiu uma nova capital, Khorsabad, que deu ao Império um centro de administração mais eficaz. A decoração e as esculturas da cidade ainda são celebradas como obras-primas artísticas.

3.3.1 Queda da Samaria

O reino israelita governado a partir da Samaria deixou de existir durante os reinados de Salmanaser V e Sargão II. Esse evento traumático teve consequências de longo alcance. Tanto os textos acadianos quanto

os bíblicos refletem sobre o significado do falecimento de Israel. Uma análise epigráfica recente das Crônicas Babilônicas n. 1, feita por P. Dubovský e E. Frahm, na qual mencionam Salmanaser V, em fragmentos recentemente publicados e ordenados cronologicamente, referentes à repressão da rebelião na Síria-Palestina por Sargão II, pode esclarecer algumas das questões não resolvidas sobre a queda da Samaria, que foram discutidas acaloradamente nos últimos escritos acadêmicos.

A submissão da Samaria à Assíria e a posse de Oseias como rei por Tiglat-pileser III afetaram profundamente a corte real e a vida cotidiana em Israel. Oseias era um rei fantoche, completamente dependente da Assíria e forçado a pagar um pesado tributo à Assíria, como punição por se voltar contra a Samaria. Os tributos foram recolhidos de todas as classes da sociedade, tornando a vida extremamente difícil. Como mostram os anais assírios, em muitos casos os altos tributos esmagavam as famílias, causando desespero e levando a uma nova onda de resistência nos últimos anos do reinado de Oseias. A Bíblia relata que Oseias parou de pagar tributos e até empreendeu negociações secretas com o Egito. Ambos os atos eram contrários ao tratado que o rei assírio havia imposto a Israel e foram severamente punidos. Salmanaser V embarcou em uma campanha contra a Samaria. A reconstrução dos documentos remanescentes do reinado de Salmanaser V confirma que sua maior conquista foi a Samaria. Por volta de 725 a.C., as tropas assírias sitiaram a cidade e, por volta de 722 a.C., “ele [Salmanaser V] devastou a cidade de Samaria” (ABC 1 i 28). Como não há evidências arqueológicas de que a cidade tenha sido destruída, parece que ao final do cerco de três anos a cidade se rendeu e foi saqueada. Salmanaser V removeu Oseias do trono e transformou a Samaria em uma nova província assíria. Três séculos após seu nascimento, o reino de Israel deixou de existir.

A problemática morte de Salmanaser V e a incerteza que Sargão II se manteria no trono, em 722 a.C., levantaram muitas dúvidas sobre o futuro do Império, e muitos governadores, vassalos e povos súditos acreditavam que esse poderia ser o momento certo para se libertar dos opressores assírios. O Império foi ferido por uma série de insurreições.

As duas revoltas mais sérias eclodiram na Babilônia e na Síria. Esta última foi organizada por Yau-bi'di, de Hamat. Algumas províncias assírias recém-estabelecidas, juntamente com alguns vassallos remanescentes, como Simirra, Arpad, Damasco e Samaria, juntaram-se às rebeliões. Os documentos mais antigos, escritos por volta de 720 a.C., mostram que Sargão II não interveio contra a Babilônia ou a Síria durante seus dois primeiros anos no trono. Ele provavelmente estava ocupado eliminando a oposição em Nimrud. Somente depois de garantir seu trono ele poderia lançar um contra-ataque. A reconstrução de E. Frahm, da Estela de Tel Asharneh, demonstrou que Sargão II liderou um exército contra os rebeldes babilônicos enquanto seus generais supervisionavam as operações na Síria. Ambos os compromissos militares ocorreram em 720 a.C. A batalha decisiva da campanha contra a coalizão sírio-palestina ocorreu no rio Orontes, perto de Qarqar, ou seja, na mesma região onde Salmanaser III lutou contra seus inimigos. A coalizão foi derrotada, Yau-bi'di foi esfolado e os territórios rebeldes, incluindo a Samaria, voltaram ao controle assírio. Os anos seguintes testemunharam uma expulsão em massa dos israelitas e um influxo de árabes. Essas realocações foram concluídas por volta de 715 a.C. A Samaria tornou-se, assim, uma nova entidade controlada pela mão firme de um governador assírio e povoada por um novo povo importado principalmente de tribos do deserto, que se misturaram com alguns israelitas remanescentes. Essa paisagem social e política permaneceu no território, até a queda da Assíria.

Os textos compostos no final do reinado de Sargão II mudaram sua retórica. Sargão II foi creditado com o cerco e a conquista da Samaria, que teria ocorrido durante o primeiro ano de seu reinado, ou seja, o ano da morte de Salmanaser V. Uma vez que os documentos anteriores estabeleciam que Sargão II não conduzira nenhuma campanha em seus dois primeiros anos, esses documentos posteriores podem ser corretamente tratados como uma propaganda régia típica, em que a conquista dos predecessores do rei e a nomeação de novos generais ou governadores eram atribuídas ao rei reinante. Assim, a edição final dos anais atribui tanto a conquista de Samaria por Salmanaser V quanto a vitória dos generais assírios sobre a coalizão liderada por Hamat, incluindo Samaria, a Sargão II.

3.3.2 Lealdade da Judeia à Assíria

Desde o séc. 8º a.C., Judá, embora estivesse longe da frente assírio-araméia, teve que se posicionar do lado da Assíria ou contra ela. A aliança de Acaz com a Assíria durante a guerra Siro-Efraimita continuou até 701 a.C. Logo após a derrota de Sargão II e de Yau-bi'di, o líder da coalizão antiassíria, as tropas assírias avançaram para o Sul e chegaram a Gaza. Acaz continuou do lado da Assíria, então Sargão II listou Judá como um dos territórios subjugados, localizados nas margens da tela do radar assírio. Apesar da conquista e do reassentamento de Israel por Salmanaser V e Sargão II, os reis costeiros ainda não estavam dispostos a aceitar senhores assírios. Yamani, rei de Ashdod, rebelou-se contra a Assíria; por volta de 711 a.C., ele tentou atrair Judá para a rebelião antiassíria, mas Ezequias se recusou a se juntar à coalizão, mantendo a postura pró-assíria de seu pai, Acaz. Sargão II pôs fim à revolta em 712 a.C. Yamani escapou e encontrou refúgio no Egito. O fato de dois reis judaítas, Acaz e Ezequias, estarem dispostos a ser vassalos assírios trouxe paz e bem-estar a Judá.

3.4 De Senaqueribe a Assurbanipal

O filho primogênito de Sargão II, Senaqueribe (705-681 a.C.), estava bem preparado para assumir o reino após a morte inesperada de seu pai. As rebeliões que ameaçavam virar o Império de cabeça para baixo foram rapidamente reprimidas, e Senaqueribe consolidou seu reinado em poucos anos. Sua maior conquista foi “a solução” do problema babilônico. Ele conduziu algumas campanhas contra os rebeldes babilônicos, o que levou à eliminação sangrenta de seus oponentes. Finalmente, ele se fez rei da Babilônia e destruiu vários santuários antigos. A Babilônia estava em cinzas e foi incapaz de resistir por muitos anos. Senaqueribe entendeu que não era suficiente vencer algumas batalhas dispersas contra a Babilônia, mas que ele precisava quebrar Elam, a espinha dorsal da resistência babilônica. Esse reino iraniano aproveitou todas as oportunidades para fomentar elementos antiassírios na Babilônia. De fato, uma estratégia semelhante havia sido usada pelos egípcios contra Israel

e Judá e pelos urartianos, em seu conflito com Shubria e Mannea. Senaqueribe não conseguiu conquistar Elam, mas suas incursões militares no coração elamita foram suficientes para impedir que Elam apoiasse os rebeldes babilônicos, por enquanto. Senaqueribe também suprimiu uma nova coalizão antiassíria com os reis filisteus, organizada pelo rei judaíta, Ezequias, em 701 a.C. Ele era tão ambicioso quanto seu pai. Assim como Sargão II havia transferido a capital de Nimrud (Kalhu) para Dur Sharrukin (Khorsabad), Senaqueribe transferiu a capital para Nínive, que permaneceu o centro do Império até cair em 612 a.C. Ele construiu um “palácio sem rival”. Apesar dessas realizações, ele foi assassinado por seus irmãos, um dos quais era Arda-Mulišši, conhecido como Adramelec na Bíblia (2Rs 19,37).

Assaradom (681-669 a.C.) era o filho mais novo de Senaqueribe. Depois de eliminar a oposição dentro de sua família, ele derrotou os rebeldes restantes na Babilônia, incluindo a tribo arameia Gambulu e a tribo caldeia Bit-Dakkuri, completando assim a conquista da Babilônia iniciada por seu pai. Então, ele voltou sua atenção para o Oeste. Perdendo a paciência com a infidelidade de seus vassalos fenícios, Assaradom atacou Sidon e a transformou em porto assírio, o que lhe deu o controle de boa parte do comércio mediterrâneo. Ele mobilizou o primeiro corpo militar de camelos e pôs fim às incursões árabes nos territórios assírios e pró-assírios. A submissão das cidades fenícias e filisteias, a eliminação da resistência árabe e a lealdade dos reinos de Judá e da Transjordânia fizeram com que ele se sentisse confiante de que também poderia conquistar o Egito. A primeira campanha falhou miseravelmente em 673 a.C. No entanto, a segunda foi mais bem-sucedida. Em 671 a.C., ele conquistou Tebas, forçando o faraó Taharqa a fugir. Ele morreu durante sua terceira campanha contra o Egito. Essa foi a primeira vez na história que um rei da Mesopotâmia conquistou o Egito. Como seu pai havia feito, Assaradom construiu vários novos palácios e reconstruiu santuários na Babilônia.

O último grande rei assírio foi Assurbanipal (668-627? a.C.), o filho mais novo de Assaradom. A fim de agradar seu irmão mais velho, Shamash-shuma-ukin, Assurbanipal o fez rei da Babilônia. A paz na Ba-

bilônia permitiu que Assurbanipal completasse a campanha que seu pai havia iniciado contra o Egito. A invasão assíria do Egito por Assaradom e Assurbanipal, entre 673-663 a.C., foi uma das principais conquistas assírias. A 25ª dinastia, conhecida como dinastia Kushita, sofreu as consequências da invasão assíria, agravadas pelo fato de que o Baixo Egito nunca reconheceu a dinastia Kushita como os verdadeiros governantes do Egito. Assim, por volta de 672 a.C., ou seja, após a primeira invasão de Assaradom, Necho I (672-664 a.C.) foi proclamado rei com a ajuda da Assíria. Os assírios exploraram a tensão entre a dinastia Kushita (25ª), nativa do Alto Egito, e a dinastia Saíta (26ª), do Baixo Egito. Em 667 a.C., Assurbanipal invadiu o Egito. Embora Necho e Taharqa tenham deixado de lado suas reivindicações conflitantes e se aliado contra Assurbanipal, eles foram derrotados. As lutas internas no Egito continuaram até que o filho de Taharqa, Tanutamon, o último rei da dinastia Kushita, ganhasse o controle sobre o Egito. Psammetichus I, rei da dinastia Saite, fugiu para a Assíria. Assurbanipal respondeu a esses eventos imediatamente e derrotou Tanutamon em 664 a.C.

Assurbanipal não pôde desfrutar de muita paz. Seu irmão, Shammash-shuma-ukin, aliou-se a Elam contra ele em uma sangrenta e ruíno-sa guerra civil. Shammash-shuma-ukin morreu durante a guerra, provavelmente cometendo suicídio, deixando Elam continuar a guerra sozinho. Em 653 a.C., as tropas assírias e elamitas se encontraram em Til-Tuba. Os assírios decapitaram o rei elamita Teumman e desfilaram sua cabeça na Assíria como troféu de guerra. Mas somente em 647 que Assurbanipal capturou o último rei elamita, Humban-haltash III, que se escondeu e finalmente extinguiu a resistência elamita. Nesse ponto, a Assíria era o único poder efetivo no AOP. Todos os reinos e cidades-estados maiores e menores, de uma forma ou de outra, se submeteram à Assíria. Três grandes reinos, Urartu, Egito e Elam, foram conquistados por tropas assírias. Embora o Egito não estivesse totalmente subjugado, o rei assírio, com direito, se nomeava o grande rei, o rei forte, rei do mundo, rei da Assíria, rei dos quatro cantos (do mundo), levantado por (o deus) Aššur e a deusa Mullissu.

3.4.1 Judá mudando de alianças

A postura pró-assíria de Acaz e Ezequias teve impacto positivo sobre o bem-estar de Judá. Visto que Judá era um estado para-choque entre a Assíria e o Egito, os assírios apoiaram alegremente os reis de Jerusalém, desde que fossem leais à Assíria. Como resultado, a cidade de Jerusalém aumentou de cerca de 5 para 60 hectares. Novos bairros foram construídos e uma parte do túnel de Siloé foi construída. As escavações em vários locais de Judá mostraram que o reino também florescia economicamente. Tanto a evidência arqueológica quanto os textos bíblicos revelam que Acaz e Ezequias também fizeram importantes reformas religiosas. Uma parte dessa reforma foi a renovação do templo e de seus móveis.

A posição pró-assíria de Ezequias mudou após a morte inesperada de Sargão II. O fato de o corpo de Sargão II não ter sido encontrado foi interpretado como um castigo divino. Os assírios imploraram a seus deuses que lhes mostrassem como Sargão os ofendera. Os infortúnios da Assíria foram uma boa razão para vassalos e inimigos pensarem que os deuses decidiram punir a Assíria e acabar com o Império. Essa interpretação da morte de Sargão II encorajou os babilônios e o Levante sulino a se libertarem do jugo assírio. Essa foi a primeira e última vez que Judá se juntou a uma insurreição antiassíria. Ezequias tornou-se um dos principais líderes da coalizão antiassíria, com apoio e incentivo do Egito. Como Padi, rei de Ecrom, permaneceu pró-assírio, Ezequias se comportou como Peca trinta anos antes. Ezequias atacou Ecrom, capturou Padi, aprisionou-o em Jerusalém e, assim, eliminou o incômodo do lado deles. A coalizão era impressionante e tinha expectativas razoáveis de que prevaleceria. O rei de Sidon bloqueou a costa fenícia, o rei de Ascalon liderou a resistência filisteia e o rei de Judá controlou as colinas da Judeia. No caso, Senaqueribe precisou de apenas um ano para reprimir a rebelião, repetindo a estratégia de Tiglat-pileser III. Ele primeiro atacou Sidon, colocando o rei em fuga. Então, moveu-se rapidamente para o Sul e conquistou a Filisteia. Finalmente, voltou-se contra Judá, sitiando

Laquis. Nesse ponto, o Egito interveio, e as tropas assírias e egípcias se encontraram pela primeira vez na história em Eltekeh. Os egípcios sofreram uma pesada derrota, causando o colapso da coalizão. Laquis foi capturada e destruída. Ezequias foi confinado a Jerusalém. A. Fuchs observou que, mesmo durante a terceira campanha de Senaqueribe, os assírios não desperdiçaram tempo nem dinheiro para manter um cerco prolongado contra Jerusalém, preferindo devastar muitas cidades menores. As escavações arqueológicas trouxeram à luz inúmeras camadas de destruição datadas de finais do séc. 8º a.C., época da terceira campanha de Senaqueribe. Ezequias foi obrigado a pagar um pesado tributo, e uma parte da mobília do templo foi dada como presente a Senaqueribe. Padi foi resgatado de Jerusalém e reinstalado em Ekron. Por sua lealdade à Assíria, Senaqueribe o fez rei sobre partes do antigo reino judaico. Então Senaqueribe partiu para a Assíria. Desse momento em diante, Judá permaneceu um vassalo leal (talvez com exceção de um episódio relatado em 2Cr 33,10-17, mas a historicidade da passagem é duvidosa). Os reis judaítas continuaram pagando tributos regulares na forma de metais preciosos e cavalos. Eles estavam sob supervisão de vários oficiais assírios instalados em locais judaítas e israelitas, um deles sendo Ramat Rachel, a uma curta distância de Jerusalém. Uma vez que Assaradom conquistou o Egito, não havia esperança de que o destino de Judá mudaria.

O controle assírio também trouxe alguns benefícios positivos para Judá. Primeiro, algumas cidades foram restauradas e protegidas pela Assíria, como Tel Beer-Sheba. Depois que a paz foi restaurada, a cidade mudou significativamente, sendo reconstruída e tornando-se mais populosa, com melhores defesas. Os artefatos desenterrados no local indicam que a cidade lucrava com as trocas comerciais entre Egito, costa mediterrânea, Judá e Arábia. Aconteceu também uma importante mudança de realeza. Depois de 701 a.C., houve um grande número de selos *lmlk*, especialmente em Ramat Rachel e outros centros comerciais. Isso aponta para um novo sistema administrativo em Judá após a invasão de Senaqueribe. Quanto mais centralizado era Judá, mais fácil era para os assírios o controlarem.

3.5 Vivendo sob o império

A criação do primeiro império mundial não significou apenas a perda da independência para os outros impérios como também a mudança radical da administração do poder, da vida cotidiana das pessoas simples e do conceito teológico dos deuses locais. Algumas das dinâmicas descritas nos parágrafos a seguir podem ilustrar o que significava viver sob o Império Assírio.

3.5.1 Reassentamentos

Os assírios adotaram a realocação de pessoas como uma de suas estratégias mais eficazes para esmagar a oposição local. Parece que eles realocaram cerca de 4,5 milhões de pessoas. A reconstrução das rotas de deportação parece ser circular, movendo-se do Oeste (Samaria, Hamat) para o Norte da Síria (região de Habur), depois para o coração da Assíria e, finalmente, para o Leste, até o Irã, e de volta ao Oeste. As escavações arqueológicas no vale de Cizre (leste da Turquia) mostraram que um dos objetivos da realocação era estabelecer centros agrícolas para fornecer recursos alimentares para o Império. Assim, o vale de Cizre foi transformado em um importante centro agrícola sob o Império Assírio. Isso obviamente beneficiou os reassentados e toda a região. Além disso, os assírios muitas vezes forçavam cativos adequadamente fortes ou qualificados a trabalhar em terras estrangeiras em benefício da administração assíria, de projetos de construção, da indústria metalúrgica e do exército. Para esse grupo de especialistas, sua experiência de deportação pode não ter sido puramente negativa, mas também tê-los ajudado a subir na escala social e econômica. Esses “deportados” foram contados “entre o povo da terra de Ashur”. A análise de K. Radner dos nomes mostrou que as pessoas realocadas de Samaria eram combatentes altamente treinados, escribas e estudiosos, e artesãos de todos os tipos. Os assírios parecem ter tomado decisões cuidadosas sobre quem deveria ser enviado para o exílio e quem deveria permanecer em sua própria pátria. Os documentos encontrados nos sítios mencionados em 2Rs 17,6 contêm nomes com a terminação *yhw*, e alguns documentos legais os chamam explicitamente de “samaritanos”.

Apesar do lado positivo dos reassentamentos, também houve um grande trauma. As pessoas foram desenraizadas e muitas vezes se mudaram para climas diferentes. Além dos efeitos práticos do reassentamento, houve também uma importante consequência política: as regiões reassentadas raramente se rebelaram contra a Assíria.

O resultado do reassentamento de Samaria também trouxe bons resultados. Algumas pessoas, entre as quais sacerdotes e eruditos, foram forçadas a deixar Israel, enquanto outras permaneceram. Da mesma forma, os samaritanos foram incorporados em diferentes regiões, e os árabes de diferentes regiões foram misturados com os habitantes deixados em Israel. Essa política foi uma das razões pelas quais Samaria nunca mais se rebelou contra a Assíria.

No Norte de Israel, o reassentamento não visava ao desenvolvimento econômico. Na província de Megido, vários sítios destruídos pelos assírios permaneceram em ruínas. No entanto, os assírios escolheram cuidadosamente alguns centros que rapidamente se recuperaram e começaram a prosperar. Esses centros serviram para controlar a região, garantir a lealdade das regiões e fornecer apoio militar às campanhas assírias. Tel Dan pode ser considerada uma das cidades que se beneficiaram da ocupação assíria.

3.5.2 Estrutura administrativa assíria

Viver sob o Império Assírio significava, acima de tudo, entrar em acordo com as estruturas administrativas assírias. O centro governante do Império estava localizado ao redor de Nínive e das províncias vizinhas. As unidades mais integradas eram as províncias assírias. A administração do palácio nas províncias foi modelada na administração central. O estudo de B. J. Parker sobre vestígios arqueológicos e textuais mostrou que é melhor considerar o Império Assírio como uma rede em vez de um território. Os assírios não tentaram transformar todos os reinos súditos em províncias assírias, mas permitiram três tipos diferentes de cooperação com a Assíria. As mais independentes eram as áreas neutras, que criavam uma zona de amortecimento entre a Assíria e seus inimigos.

Essas zonas não tinham estrutura política viável e estavam sob constante pressão para serem leais à Assíria. O próximo nível era composto de estados para-choque, em que um monarca local normalmente jogava um jogo duplo, uma vez que estava exposto à pressão vinda de ambos os lados. Essa era a situação de Judá, pois se localizava entre as regiões controladas pelo Egito e pela Assíria. A maneira pela qual Ezequias ficou do lado ou contra a Assíria era típica das estratégias usadas pelos estados para-choque, independentemente de terem entrado ou não em um relacionamento formal de vassalo com a Assíria. Estados para-choques poderiam ter sido facilmente transformados em reinos vassalos. Enquanto as tropas assírias estavam longe, muitos reis locais calcularam o que seria melhor para eles. Submeter-se à Assíria significava pagar impostos, fornecer apoio durante as campanhas assírias e relatar tudo o que vissem e ouvissem. Caso contrário, os reis eram livres para fazer o que quisessem dentro de seu próprio domínio, e os assírios toleravam de bom grado os excessos do rei, desde que ele permanecesse leal a eles. Se o rei participasse de uma rebelião contra a Assíria, sua liberdade soberana estava circunscrita, mesmo que ele mantivesse as armadilhas e os títulos da realeza. Ele tinha que pagar impostos mais altos e era vigiado de perto. Alternativamente, quando os assírios conquistavam um território rebelde, o rei assírio muitas vezes nomeava um novo rei com muito pouca liberdade de ação, que era supervisionado por oficiais assírios especiais e que estava sobrecarregado com impostos muito altos. Até que ponto um reino vassalo seria transformado em uma província ou não dependia em grande parte de sua posição estratégica. Por essa razão, os assírios trataram Israel e Judá de forma diferente.

A importância econômica e estratégica da Samaria havia exposto o reino israelita à pressão assíria desde 738 a.C. Essa pressão impediu o desenvolvimento de uma frente unificada pró ou antiassíria. Durante o reinado de Manaém, Israel era um vassalo voluntário da Assíria, e Manaém, embora leal, tinha liberdade suficiente para agir como um verdadeiro rei que não hesitava em cometer crimes de guerra sem precedentes. Com Peca, a situação mudou, e Israel foi transformado em um

reino vassalo mais controlado pela Assíria e teve que pagar tributos mais altos. Quando Peca se rebelou e Tiglat-pileser III o substituiu por Oseias, o rei israelita perdeu a maior parte de seu poder executivo. Os pesados impostos drenaram a economia israelita e enfraqueceram suas forças armadas. Os desacordos sobre as relações internacionais tornaram-se mais complicados pelos conflitos sobre assuntos internos (cf. 2Rs 15). Dos sete golpes de Estado no reino de Israel registrados pela Bíblia, quatro ocorreram durante o período assírio. Todo o reino foi abalado por conspirações e revoltas que ocorreram tanto no campo quanto em Samaria. As intrigas e assassinatos chegaram até a torre de menagem do palácio real, que deveria ser o lugar mais seguro do reino. Os frequentes ataques à autoridade, as rebeliões e conspirações desestabilizaram seriamente o reino. A instabilidade foi aumentada ainda mais pelas tensões entre as tribos das terras altas e da Transjordânia e entre a Samaria e a antiga capital Tirza. Como resultado dessas dinâmicas externas e internas, a queda da Samaria e sua plena incorporação na órbita administrativa assíria foi um passo lógico. Comparando a situação na Samaria com outras partes do Império, parece que a pressão imperial gerou dinâmicas semelhantes em Arpad, Elam, Egito etc. A desestabilização gradual de um reino normalmente precedia seu colapso e integração plena no Império Assírio. A decisão de transformar a Samaria em província dependia de sua localização estratégica. A província assíria de Samerina controlava um importante corredor comercial.

Judá também foi exposto à pressão assíria. No primeiro estágio, Judá era um importante estado para-choque que separava o Egito da Assíria. Portanto, a colaboração de Acáz e Ezequias foi estrategicamente importante para o controle assírio da região. Depois que Ezequias se rebelou, ele foi autorizado a ser um rei vassalo, mas a relação dele e de Manassés com a Assíria mudou. A importância estratégica de Judá diminuiu quando a Assíria conquistou o Egito. Judá perdeu seu papel de estado para-choque e passou a ser cercado por um vassalo pró-assírio e pelas províncias assírias. Além disso, não havia esperança de apoio do Egito. Assim, a colaboração de Manassés e Amon com a Assíria era a

única opção para Judá. A Assíria não tinha interesse nos assuntos internos do reino, desde que os reis pagassem tributo e não se rebelassem. As tábuas assírias existentes confirmaram que Judá preenchia esses requisitos, o que permitia aos reis judaítas sentar-se no trono em Jerusalém e perpetuar a dinastia davídica. No entanto, os redatores posteriores, usando critérios deuteronomistas típicos, criticaram fortemente Manassés e Amon por cooperarem com a Assíria e exaltaram Ezequias por se rebelar contra a Assíria.

3.5.3 Sob o “olho do *Big Brother*” – rede de inteligência assíria

O Império Assírio, em seu auge, cobriu mais de 100 mil km². A maioria das regiões conquistadas considerava os assírios como invasores e inimigos. Embora alguns reis e governadores lucrassem com o regime assírio, as constantes rebeliões eram um sinal claro de que muitas das nações subjogadas faziam o possível para se livrar do jugo assírio o mais rápido possível. Conspirações, assassinatos de colaboradores pró-assírios, evasão de impostos e negociações secretas com inimigos assírios ocorreram não apenas nas periferias como também na corte real. A fim de controlar territórios subjogados e impedir a derrubada de seus vassallos, os assírios precisavam de relatórios oportunos e precisos. Com esse objetivo, Tiglat-pileser III e seus sucessores estabeleceram a primeira rede de inteligência da história mundial. Cerca de 2 mil tabuinhas vindas de Nínive e Nimrud ilustram como os assírios coletavam informações, as processavam e as checavam duas vezes. Os detalhes que os assírios sabiam sobre seus vassallos e inimigos são surpreendentes, pois, interceptando mensagens secretas entre os vassallos e os inimigos assírios, descobriam os movimentos dos reis e suas tropas. Espiões assírios relataram o que estava acontecendo nos templos e o que uma profetisa em Harã havia profetizado. Os assírios tinham seus agentes dentro de um exército inimigo e entre o pessoal do templo, e uma espiã assíria operava na corte de um chefe babilônico. Os assírios coletaram detalhes sobre o terreno e o próprio clima das regiões mais distantes, o que lhes permitiu fazer preparativos adequados de campanha até mesmo nas partes mais

remotas do Império. Os serviços de inteligência assírios também descobriram redes de contrabando de bronze e armas.

Os reis assírios não estabeleceram uma estrutura de inteligência separada, mas transformaram, como a maioria dos regimes totalitários, seus escritórios administrativos e militares em centros de coleta e processamento de inteligência. Guardas nas fronteiras, cobradores de impostos, comandantes de fortalezas assírias, governadores de províncias e seus funcionários subsidiários eram obrigados a enviar relatórios regulares a Nínive. Um sofisticado sistema de denúncia, combinado com dupla e até tripla checagem de informações, não deixou aos agentes assírios outra opção senão fazer relatórios oportunos e precisos a Nínive sobre tudo o que viram e ouviram. Não fazer isso tinha sérias consequências e poderia levar à execução. Não apenas o pessoal administrativo e militar assírio como também os do estado vassalo tinham que enviar relatórios regulares a Nínive. Os reis assírios obrigaram-se a denunciar parte dos tratados vassalos. Se isso fosse transgredido, o rei assírio estava autorizado a remover o rei vassalo ou enviar tropas para impor o cumprimento.

As informações enviadas a Nínive não eram usadas apenas para fins administrativos e militares, mas também em negociações e para exercer pressão psicológica sobre inimigos e vassalos. Se a guerra psicológica não fosse suficiente, os agentes assírios não hesitavam em realizar ações encobertas, como o assassinato de inimigos, o sequestro do filho de um vassalo recalcitrante etc.

Depois que Samaria e Megido se tornaram províncias assírias, tornou-se parte inseparável do trabalho de seus governadores relatar de maneira precisa e oportuna a situação em Israel e Judá. Além disso, os reis pró-assírios, como Padi, e provavelmente também Manassés e Amon, estavam vinculados a um tratado semelhante, como foi o caso da maioria dos reis vassalos. Pelo menos dez locais em Israel e na Transjordânia que abrigavam tropas ou oficiais assírios foram escavados. Os oficiais que serviam nesses locais eram obrigados a relatar tudo o que tinham ouvido e visto. Como resultado, as invasões de Tiglat-pileser III, Sargão II e Senaqueribe foram bem apoiadas por dados de inteligência. Depois

de 701 a.C., Judá e Israel estavam sob estreita vigilância pela rede de inteligência assíria. O rei assírio “onisciente” e seus espiões, numerosos informantes e colaboradores, davam a impressão de que Nínive sabia tudo o que estava acontecendo em Israel e Judá, na corte e no templo, e mesmo as negociações diplomáticas secretas não eram segredos para a Assíria. Parece que a frustração com a dominação por agentes assírios está por trás de 2 Rs 18–19, embora os editores desses textos transmitissem uma mensagem teológica que deveria atrair um tipo de público posterior e muito diferente.

3.5.4 Profecia e novas correntes teológicas

Os lucros da agricultura e das indústrias metalúrgicas e têxteis não eram suficientes para cobrir as despesas do Império Assírio. O crescimento econômico assírio não se baseava em uma produção autárquica e autossuficiente de bens, mas na exploração de regimes derrotados ou submissos. Impostos, tributos e espólios sustentavam a máquina administrativa, militar e religiosa da Assíria. As incursões militares com o objetivo de saquear, juntamente com um sofisticado sistema de impostos e tributos, tornaram-se condutores de sustentação da viabilidade econômica do Império Assírio. Tirar a riqueza dos cativos não era novidade, mas os assírios transformaram a pilhagem em grande escala em um motor que alimentava o Império.

Os assírios associavam suas campanhas vitoriosas e o acúmulo de riqueza com o favor divino, como a maioria dos reinos do AOP fazia. Enquanto nos séculos anteriores as conexões entre o favor divino e os sucessos materiais, incluindo vitórias militares, eram limitadas aos reinos locais, os assírios reivindicavam domínio sobre o mundo inteiro. Consequentemente, os deuses assírios não eram mais considerados deuses regionais, mas adorados como deuses superiores a qualquer deus local. A conquista dos mais importantes centros culturais e econômicos foi uma prova visível de que os deuses assírios eram mais fortes do que aqueles deuses que não conseguiram proteger seus reis e seus territórios das mãos dos assírios. Então, também era verdade para *yhwh*? A versão nortista do

yhwh-ismo murchou depois que a conquista de Israel pela Assíria provou que Ashur era de fato mais forte que o deus de Israel. O rápido fim da independência sob Ezequias adicionou combustível ao fogo. Então *yhwh* estava subordinado a Ashur e outras divindades assírias? Essas questões foram refletidas em numerosos estratos pré-exílicos de 2Reis e profetas. O momento de profunda crise religiosa suscitou uma nova reflexão teológica. Isaías e seus discípulos propuseram que Deus é o Senhor da história. Nessa perspectiva teológica, não foi Ashur quem fez os assírios terem sucesso, mas o Deus judaico, *yhwh*, que usou os assírios como uma ferramenta divina para punir os pecados de seu povo. Os profetas pregaram que os assírios estavam cheios de arrogância e que, uma vez que tivessem cumprido a missão dada a eles por *yhwh*, *yhwh* levantaria outra nação para punir a arrogância dos assírios. Essa convicção, que se originou com o próprio Isaías e foi desenvolvida por seus discípulos, encontra-se no Livro de Isaías e atingiu um ápice no Livro de Naum. A teologia de Isaías e seus discípulos foi a primeira versão do monoteísmo em Judá. Além de minar a teologia da soberania de Ashur, essa forma de monoteísmo explicava a queda de Samaria como uma punição justa pelo pecado. Os escribas judaítas usaram as técnicas de reversão e telescopagem para virar a propaganda assíria contra a Assíria. Dessa forma, os judaítas puderam salvar sua fé na onipotência de seu deus. Sua reflexão sobre o conflito entre Ezequias e Senaqueribe não apenas trouxe à tona as deficiências que acabariam por causar a queda do Império Assírio como também provocou importantes discussões teológicas internas e desafios externos. Esse modelo ajudou as gerações posteriores a manter a fé em Deus durante os tempos de opressão babilônica, helenística e romana.